

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC
Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Relatório do Livro
Brasil Zero Grau:
A jornada de nossos atletas rumo aos Jogos Olímpicos de Inverno

Aluno: Gustavo de Araujo Longo

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Marques

Bauru

2010

Gustavo de Araujo Longo

Relatório do Livro
Brasil Zero Grau:
A jornada de nossos atletas rumo aos Jogos Olímpicos de Inverno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pelo aluno Gustavo de Araujo Longo, RA: 731323, como exigência do curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, campus Bauru, sob orientação do professor Dr. José Carlos Marques.

Bauru
2010

Brasil Zero Grau:
A jornada de nossos atletas rumo aos Jogos Olímpicos de Inverno

Gustavo de Araujo Longo

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

José Carlos Marques
Professor Doutor – UNESP

Sandra Regina Turtelli
Professora Doutora – UNESP

Cláudio Rodrigues Coração
Professor Mestre – FIB Bauru

CONCEITO FINAL: _____

Dedico essa obra a todos os atletas que competiram pelo Brasil em Jogos Olímpicos de Inverno e que nos mostraram que os sonhos são possíveis, mesmo que tudo indique o contrário.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente.

A minha namorada Cristina Aparecida Prado Maçoneto, que me apoiou nos momentos mais críticos, respeitou e compreendeu quando eu não poderia dar atenção e ainda por cima sempre me esperava com um beijo delicado e reconfortante.

Aos familiares e parentes, que souberam entender toda a bagunça e os gastos causados com esta obra. Sobretudo ao tio Lázaro, que me recepcionou em sua casa na capital paulista sempre que precisei.

Aos amigos de Porto Ferreira, os amigos-irmãos Ramatis, Leonardo, Kauê, Adriano, Renan, entre tantos outros que cruzaram meu caminho, seja na escola Pedrina, seja na Escola do Comércio, nos 18 anos vividos na cidade e que também entenderam quando não pude dar-lhes toda a atenção.

Aos professores que sempre acompanharam minha trajetória, a Prof^a Edonéia, responsável direta por eu estar aqui hoje, e também aos professores André e Véio, do cursinho, responsável por boas risadas.

Ao pessoal do Cursinho Objetivo, o irmão Henrique Swami, a Ariane, o Rafael e a Carol, que ainda hoje me dão apoio e acreditaram no potencial dessa obra.

Aos amigos formados na Unesp, o tiozão Walter, o Danilo-Barra, Vinicius, Felipe, Angelita, Elaine, Lara, Juliana, entre outras pessoas, que me mostraram estar no caminho certo, tanto na obra quanto na vida. E também aos amigos que já saíram da Unesp, como William Douglas e Andressa Piri, que continuam com bons conselhos ainda hoje.

Um agradecimento especial à Prof^a Sandra, que

criou e difundiu a discussão esportiva na Unesp Bauru e criou o GECEF, que contou com minha participação durante três anos.

Ao pessoal do Jornal BOM DIA, pela oportunidade de estágio, pela confiança depositada e por entender quando precisei me ausentar por conta desta obra.

Por fim ao professor Zeca Marques, que acreditou e acompanhou esta obra desde seu início, transformando a pedra bruta em algo valioso, e soube entender atrasos e percalços que apareceram durante este caminho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 8
1. Objeto de Estudo	p. 10
2. Metodologia	p. 13
3. Fundamentação Teórica	p. 16
4. Jogos Olímpicos	p. 23
5. Relato da Pesquisa	p. 27
6. Especificações técnicas	p. 32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 33
REFERÊNCIAS	p. 34

INTRODUÇÃO

Em outubro de 2009, a cidade do Rio de Janeiro, após algumas tentativas frustradas, conseguiu o direito de sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 2016. Antes disso, em 2014, o país também será sede da Copa do Mundo de Futebol. Num curto período de dois anos o Brasil receberá as duas principais competições esportivas do planeta, além de já ter recebido os Jogos Pan-Americanos em 2007, também no Rio de Janeiro, e campeonatos mundiais, como o Mundial de Basquete Feminino, em 2006, e o Mundial de Judô no ano seguinte. Nos próximos anos o noticiário esportivo ganhará contornos cada vez mais expressivos, sobretudo os chamados esportes olímpicos, geralmente negligenciados na cobertura tradicional aqui no Brasil. (COELHO, 2003).

Esportes até então desconhecidos aqui no país receberão cobertura midiática e investimento e passarão a despertar certa curiosidade no público consumidor de esporte. Percebe-se algo nesse sentido como o rúgbi, por exemplo. No esteio dessa curiosidade sobre diferentes esportes olímpicos, nota-se também uma maior procura dos meios de comunicação pelos Jogos Olímpicos de Inverno. O canal por assinatura Sportv transmite desde 1998 o evento para o Brasil. O portal Terra tornou-se parceiro oficial de mídia no começo dos anos 2000. E na edição de 2010, em Vancouver (Canadá), a Rede Record realizou uma pioneira transmissão integral para a TV aberta brasileira, incluindo com transmissões ao vivo durante à tarde e à noite. Antes, em 1988, a Rede Manchete já havia realizado transmissão de algumas provas dos Jogos Olímpicos de Calgary (Canadá), mesmo sem a participação de brasileiros.

O Brasil teve representantes nas últimas seis edições dos Jogos Olímpicos de Inverno. A primeira participação foi em 1992, na edição de Albertville, na França. Até a mais recente, são 18 anos de participação brasileira. Praticamente duas décadas em que o país se consolidou na disputa de inverno, mesmo sem incidência de neve no território nacional, salvo ocasiões extraordinárias nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entretanto, do ponto de vista competitivo, os resultados dos brasileiros ainda são poucos expressivos, apesar de ser notável a evolução dos nossos atletas no ranking internacional e nos pontos obtidos ao longo das competições. Além disso, os brasileiros passaram a competir em outros esportes de inverno. No curling, por exemplo, a primeira seleção brasileira foi formada apenas em 2008.

Competir em esportes de inverno num país sem incidência de neve e gelo realmente não é para qualquer um. Mas quem são estes atletas que resolveram disputar os Jogos Olímpicos pelo Brasil por outras portas? Como vivem e como se sustentam os competidores olímpicos de inverno, que recebem pouca atenção da mídia e do público brasileiro, mesmo

quando estão na disputa dos Jogos Olímpicos? Quais as modalidades de inverno praticadas pelos atletas brasileiros, a maioria deles com pouco contato com o gelo e a neve? E como esses atletas fazem para competir, treinar e até mesmo para se classificar às Olimpíadas?

Esta obra pretende justamente contar a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno, desde a primeira participação até agora. Percebe-se um vazio dos esportes de inverno na cobertura mais detalhada da imprensa esportiva brasileira. Na maioria das vezes remete-se ao relato imediatista, sem o aprofundamento necessário que a situação exige. Assim, através da narrativa dos próprios atletas e de pesquisa realizada, pretende-se retratar a situação da modalidade no país e mostrar um pouco as edições disputadas pelos atletas brasileiros.

Entretanto, a obra não pretende recriar o ambiente dos Jogos ou ainda focar apenas nos resultados dos Jogos. A ideia é estruturar os perfis dos atletas mais representativos e mostrar que para os brasileiros os Jogos Olímpicos de Inverno começam bem antes, com uma jornada que precisa superar as questões climáticas e a falta de estrutura. Não é só mostrar o objetivo conquistado, mas todo o percurso passado pelos nossos atletas. São relatos que ajudam a mostrar toda a dificuldade enfrentada pelos praticantes de esportes de inverno.

A obra também sai na frente de outras publicações do universo esportivo brasileiro que certamente virão nos próximos anos. Ao respirar Copa do Mundo e Jogos Olímpicos de Inverno, espera-se comprovar que o esporte brasileiro não se resume apenas às modalidades mais privilegiadas pelo nosso clima tropical.

1. Objeto de Estudo

A obra procurou pesquisar as últimas seis edições dos Jogos Olímpicos de Inverno, que foram as que contaram com participação da delegação brasileira. A estreia foi em 1992, na cidade francesa de Albertville. Depois vêm as edições de Lillehammer, Noruega, em 1994 (um intervalo de dois anos para que a edição de inverno não coincidissem com a de verão), Nagano, Japão, em 1998, Salt Lake City, nos Estados Unidos, em 2002, a italiana Turim, em 2006, e por fim, a edição de Vancouver, no Canadá, realizado no início de 2010. Na pesquisa interessaram também as participações dos brasileiros. Ao todo, 26 atletas já competiram nessas seis edições, em cinco modalidades diferentes. Outros destaques de resultados e curiosidades foram deixados de lado. Tudo para focar apenas na participação brasileira dos Jogos de Inverno.

Entretanto, a obra não vai relatar as participações brasileiras através dos resultados ou da ambientação dos Jogos. A ideia é trazer para o centro da discussão a imagem dos próprios atletas brasileiros e do percurso realizado por eles para conseguir chegar numa disputa olímpica. Os próprios atletas são os personagens do livro. É a partir do relato dos atletas-personagens que será mostrado os desafios dos esportes de inverno no país, seja eles a falta de estrutura, de resultado e de patrocínio. Interessou-me mais mostrar como o atleta convive com essas dificuldades do que mostrar apenas o dia da sua prova olímpica e a realização do sonho esportivo.

Pelos próximos anos, o Brasil receberá atenção especial por conta das disputas da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos. Através destes relatos, a obra quer ressaltar e destacar os valores olímpicos do país e mostrar que o olimpismo não está apenas nas modalidades vencedoras, mas, sobretudo, nas desconhecidas e pouco praticadas.

Livros sobre vidas célebres despertam a atenção de grupos heterogêneos de leitores. *A priori*, não são escritos com o objetivo consciente de satisfazer circuitos fechados de especialistas. O *objeto-livro* decorrente da captação, seleção e interpretação do biógrafo está muito além das rodas intelectuais, dos fãs-clubes e das seitas. Trata-se de um produto também social, documento de resgate do passado de alguém. (...) Um dos preceitos da Nova História Francesa, da Escola de Annales, é o de que tudo tem uma história; tudo tem um passado que pode, em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. (VILLAS-BOAS, 2002, p. 18)

Vale destacar ainda que a obra não será uma biografia de algum atleta específico ou de apenas uma modalidade. Pelo contrário. Todas as modalidades em que o país já teve algum

representante serão registradas. Não se trata de uma biografia romaneada, mas de textos curtos, apenas para registrar a jornada de alguns atletas pelo olimpismo. Para isso, foi necessário construir perfis de alguns atletas representativos para essas modalidades. Ainda segundo VILLAS-BOAS (2002).

texto biográfico curto (...) que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos, intimidades, etc.) e caracterizações a a partir do que o personagem revela.

Dos 26 atletas que já representaram o Brasil em Jogos Olímpicos, entrei em contato com 16 deles, para realizar as entrevistas necessárias para a obra. Destes, apenas cinco não responderam ou não aceitaram conceder entrevistas. Além disso, também entrei em contato com outras nove pessoas, entre atletas de outras modalidades e dirigentes, para ter uma visão maior de cada modalidade. Apenas dois, estrangeiros, não responderam às perguntas enviadas. Ao todo, foram 18 entrevistados ao longo de sete meses. Alguns atletas, devido a sua representatividade, ganharam mais destaque. Outros serviram mais para dar um panorama sobre as mais variadas modalidades de esportes de inverno.

As fontes foram escolhidas de acordo com sua representatividade e força dentro de cada modalidade. Esta coletânea de perfis que originou o livro-reportagem procurou os atletas que mostram justamente a luta pela jornada olímpica, e não apenas o que obteve o melhor resultado em cada modalidade. Segundo Edvaldo Pereira Lima (1993), “o livro-reportagem pode fugir do estreito círculo das fontes legitimadas e abrir o leque para um coral de vozes variadas”.

Os dez entrevistados, que se referem às cinco modalidades que o Brasil já participou dos Jogos Olímpicos de Inverno, representam muito bem o esporte e a categoria que disputam. Cada perfil de um personagem foi estruturado de acordo com a imagem da própria modalidade. No caso do esqui alpino, esporte mais tradicional e responsável pela maioria das vagas brasileiras até aqui, três atletas foram escolhidos para representar cada eixo da participação do país naquela modalidade, ou seja, tem a atleta que começou no esporte com a família, o atleta pioneiro e o atleta-estrangeiro, que nem é brasileiro, mas compete pelo país. Já no cross country, esporte de resistência e força, foram escolhidos quatro perfis, que mostram como diferentes atletas, por diferentes motivos, optaram pela modalidade para treinar na neve. No caso do bobsled, único esporte coletivo no gelo em que o Brasil já conquistou a vaga olímpica, escolhi um atleta, que esteve presente nas duas edições

disputadas pelo trenó brasileiro. Por fim, no luge (que só teve dois atletas do país na história) e no snowboard (que contou a participação solitária de Isabel Clark), selecionou-se apenas um atleta por capítulo; nos dois casos, porém, são eles, ainda hoje, os mais representativos da sua modalidade.

Cada atleta, evidentemente, tem a sua maneira de lidar com o olimpismo e as competições. Um atleta pode ter se tornado profissional, outro compete apenas pelo prazer, e por aí vai. Mas é justamente dessa heterogeneidade que se busca o ponto comum entre os perfis. Afinal de contas, cada um à sua maneira, todos se tornaram atletas olímpicos e passaram por diversos obstáculos para chegar a isso. Representar o país, no caso, esteve acima de qualquer ambição pessoal ou profissional. O esporte olímpico de inverno do Brasil agradece.

2. Metodologia

Para estruturar a obra, utilizei duas ferramentas de captação de informações. A primeira delas trata-se da pesquisa bibliográfica sobre os atletas e as edições dos Jogos Olímpicos de Inverno. A segunda delas foi a pesquisa de campo, a entrevista propriamente dita com os atletas, apesar de questões geográficas, na maioria das vezes, impedir uma aproximação maior e um contato pessoal com os entrevistados.

Talvez a ferramenta mais importante delas seja a pesquisa bibliográfica. É preciso conhecer a vida do perfilado e suas ações antes de se aproximar para uma entrevista. Mesmo porque, realizar o perfil de uma pessoa não significa, necessariamente, que ela precise ser entrevistada. Gay Talese realizou o perfil “Frank Sinatra está resfriado” (2003), sem ao menos conversar com o cantor norte-americano. Além disso, várias biografias são escritas após o personagem em questão ter falecido.

Barnett também diz ter aprendido com o tempo que seus *close-ups* podiam funcionar mesmo quando ele não se encontrava pessoalmente com o sujeito, como ocorre com biógrafos que escrevem sobre mortos, sobre pessoas temporariamente inacessíveis ou assumidamente avessas ao encontro com jornalistas. Pode-se perfilar, portanto, sem entrevistar o sujeito em questão. (VILLAS BOAS, 2002, p. 95)

A pesquisa bibliográfica é a base de qualquer reportagem mais elaborada ou de qualquer perfil biográfico. A pesquisa permite ao repórter que ele confronte dados, ache outros detalhes mais interessantes e elabore um texto mais completo.

Todo repórter, confrontando-se com assessores de imprensa e entrevistados, já sentiu o desejo de ir adiante, fuçar papéis e arquivos em busca de verdade mais completa, menos tendenciosa ou mais conforme o desejo de saber do público. Se a fonte A dá uma versão, a fonte B outra e a fonte C uma terceira, contraditórias ou só parcialmente coincidentes, de um evento, deve haver uma quarta versão que corresponda ao que realmente aconteceu. Frequentemente, essa versão mais completa ou correta está disponível em algum lugar, pode ser investigada e recuperada. (...) Complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo. (LAGE, 2001, p. 133)

Não existe perfil, biografia ou reportagem mais elaborada sem que, antes, o autor faça uma extensa pesquisa bibliográfica. É necessário descobrir o que o personagem pensa e fala sobre o que será retratado. No caso da obra, era necessário saber a relação deles com a modalidade e foram dela, principalmente.

O processo de elaboração de uma biografia tem duas etapas essenciais, intimamente ligadas. A primeira delas é a da coleta de informações factuais sobre a jornada do personagem: suas ações, palavras, seus pensamentos, os lugares e rostos por meio dos quais ele se movimentou. É o que o biógrafo e acadêmico inglês Richard Holmes, professor da Universidade de East Anglia, chama de fase “life and letters”. (VILLAS BOAS, 2002, p. 130)

Para a obra, essa pesquisa bibliográfica se deu através dos sites dos grandes jornais e portais de notícias. Recolhi as matérias do portal Folha.com elaboradas durante a cobertura dos Jogos Olímpicos de Salt Lake City, em 2002. Já em 2006, na edição de Turim, recolhi as matérias elaboradas pelo portal Universo On-line (UOL). Na edição mais recente, em Vancouver, no início de 2010, acompanhei e gravei as matérias especiais produzidas pela Rede Record, além de acompanhar o noticiário do portal Terra, que também enviou equipes e fez cobertura diária do evento. Além disso, por meio do portal Folha.com, consegui ter acesso às matérias do jornal Folha de S. Paulo nas edições de Nagano, em 1998, e Lillehammer, em 1994. Também foram encontradas no jornal matérias sobre os esportes e os atletas fora do período olímpico, como reportagens especiais elaboradas para o caderno de esportes.

Feita a pesquisa bibliográfica, parti para a pesquisa de campo, realizando as entrevistas com os personagens selecionados. A entrevista com os atletas permite uma aproximação maior entre autor e personagem, com a facilidade de obter mais informações sobre determinado tema. Mesmo quando o tema era o mesmo, as entrevistas feitas foram todas individuais, justamente para estimular essa aproximação do personagem com a obra.

A entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas. (MEDINA, 2002, p. 18)

Entretanto, por questões geográficas e profissionais, a maioria das entrevistas foram feitas através da internet, sem o contato pessoal entre autor e personagem. Isso não chega, entretanto, a afetar a elaboração dos perfis, já que não necessariamente é preciso conversar com o personagem retratado. Em duas ocasiões viajei até a cidade de São Paulo, local de trabalho de alguns personagens. Nessas ocasiões aproveitava para agendar o máximo de entrevistas possíveis, para criar esse laço mais afetivo. Na primeira delas, em julho, consegui conversar com a esquiadora Mirella Arnhold e o presidente da Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN), Stefano Arnhold, pai e filha, que me receberam na sede da confederação. Na segunda vez, além de reencontrar Mirella, também consegui conversar com Fabiana Santos e Edson Bindilatti, ambos atletas do bobsled.

São poucos os competidores que moram, de fato, no Brasil. Ao longo da captação de informações, conversei com atletas que moram em diferentes lugares do mundo. Sergio Schuler mora atualmente em Milão, na Itália; Ricardo Raschini, nessa época, estava em Boston, nos Estados Unidos, além dos estrangeiros Nikolai Hentsch, suíço e que mora em Londres, e Elena Rodrigues, que vive e treina em Miami, nos Estados Unidos. Para conseguir conversar com todas estas pessoas, precisei usar o recurso da internet. Por meio do correio eletrônico e de programas de bate-papo, consegui realizar as entrevistas. Se faltou a “interação humana” (MEDINA, 2002), não faltaram, ao menos, informações e relatos emotivos sobre a participação deles nos Jogos Olímpicos.

Por meio do programa Skype, que realiza chamadas telefônicas e conversas ao vivo, realizei cerca de vinte entrevistas, captando mais de cinco horas de gravação com cinco personagens. Com Ricardo Raschini conversei via MSN, programa de bate-papo, e coletei três laudas de informação. Mas a maioria das entrevistas foi por e-mail, que permitiu uma comunicação rápida, segura e eficiente com os entrevistados.

Hoje o correio eletrônico permite uma comunicação rápida e ágil entre jornalista e fonte, constituindo-se em um novo instrumento para a realização de entrevistas. O e-mail é uma forma de comunicação prática. Uma mensagem pode ser enviada para uma fonte potencial que não seja conhecida, apresentando o repórter e informando sua disposição em realizar uma entrevista sobre determinado tema. Depois de uma longa conversa por telefone, por exemplo, o correio eletrônico pode ser útil para o jornalista esclarecer com a fonte dúvidas que surjam em relação a certos pontos da entrevista, de maneira simples e rápida. (PINHO, 2003, p. 62-63)

Por e-mail coletei a maior parte de informações e de relato dos atletas. Foram 122 e-mails recebidos, sobre os mais variados personagens e temas, o que totalizou cerca de 30 páginas de dados e entrevistas. Outra ferramenta da internet utilizada na captação foi a rede social Facebook, onde encontrei quinze dos dezoito entrevistados para a obra. Nesse caso, a internet, além de diminuir as fronteiras geográficas, ajudou também na aproximação com as próprias fontes.

3. Fundamentação Teórica

O aprofundamento da reportagem gera uma grande discussão sobre as fronteiras entre o jornalismo e a literatura. Seria possível fazer jornalismo, onde o repórter deveria garantir a veracidade das informações, com as técnicas literárias de ficção? Muitos autores discutem que não existe o chamado jornalismo literário, mas apenas momentos em que as duas áreas se interagem (BULHÕES, 2007).

O próprio nome “jornalismo literário” suscita discussões. Truman Capote, quando escreveu *A Sangue Frio*, em 1966, batizou sua obra de “romance de não ficção”. O autor foi um dos que utilizaram os métodos do chamado “Novo Jornalismo”, período que ficou conhecido o surgimento, na imprensa americana, de nomes que fizeram reportagem com técnicas da literatura. Entre os mais conhecidos estava Tom Wolfe, que faz questão de ressaltar que não era um movimento no jornalismo.

Foi no final de 1966 que se começou a ouvir as pessoas falarem de “Novo Jornalismo” em conversa, pelo que posso lembrar. Não sei ao certo... Para dizer a verdade, eu nunca nem gostei da expressão. Qualquer movimento, grupo, partido, programa, filosofia ou teoria que tem “Novo” no nome está chamando confusão. O caminhão de lixo da história está cheio deles: o Novo Humanismo, a Nova Poesia, a Nova Crítica, o Novo Conservadorismo, a Nova Fronteira, *il Stilo Novo*... O Mundo Amanhã... Porém, “Novo Jornalismo” foi a expressão que acabou pegando. Não era nenhum “movimento”. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha; nem tampouco um bar onde se reunissem fiéis, visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade. (WOLFE, 2005, p. 40-41)

Escrever reportagens com técnicas literárias, entretanto, não era novidade na década de 1960, quando surgiram os nomes do “Novo Jornalismo”. A tradição vem desde o século 19, com os escritores do romance realista, como Dickens e Balzac.

A proposta desenhada pelo new journalism, por sua vez, tanto criou caminhos próprios quanto se inspirou numa outra tradição do jornalismo, existente desde muito antes de Truman Capote fazer história com seu premiado trabalho *A Sangue Frio*. Essa tradição é o jornalismo literário, assim denominado pela incorporação de recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo, de autor. Já se fazia isso muito antes de Tom Wolfe nascer. (...) Pois foram escritores do século XIX – especialmente os grandes nomes da escola literária do realismo social, como o inglês Charles Dickens (1812-1870) e o francês Honoré de Balzac (1799-1850) – que inspiraram os jornalistas a aplicar ao relato da realidade as técnicas narrativas que empregavam no trabalho de ficção. Os escritores do realismo social (...) haviam aberto o

precedente do desenvolvimento de recursos eficazes como a técnica de símbolos do status de vida. Pesquisavam minuciosamente uma situação real para posicionar, naquele contexto, sua narrativa de ficção. Aos jornalistas cabia um outro desafio: usar as mesmas técnicas narrativas, porém com o objetivo de retratar com fidelidade o mundo real. (LIMA, In. Cadernos da Comunicação, 2003)

O uso das técnicas de ficção surge para atender as demandas de uma reportagem mais elaborada. “Em outras palavras, entende-se aqui que a natureza do gênero *reportagem* permite aos jornalistas superar os limites impostos pelos padrões de conteúdo e de linguagem da objetividade informativa” (FARO, 1999, p. 65). A reportagem existe justamente como um gênero em que o jornalista possa se expressar e aprofundar um determinado tema.

A reportagem é um dos gêneros jornalísticos e estes são entendidos por Juan Gargurevich como “formas que busca o jornalista para se expressar”. Portanto, a reportagem, enquanto gênero, pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem. Significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia (...) (LIMA, 1993, p. 27).

A reportagem aparece como uma necessidade do jornalismo interpretativo, gênero que surgiu por volta do início do século 20. Esse tipo de gênero nasceu para suprir as necessidades do público. Não bastava apenas ter os dados e as informações, se não houvesse a ligação deles com as consequências e as implicações no futuro (LAGE, 2001). A busca por essa interpretação levou os próprios jornalistas a extrapolar os limites dos jornais e revistas. A reportagem mais elaborada e trabalhada migrou para os livros, por encontrar falta de espaço e de tempo nos veículos tradicionais.

Soma-se o fato de certos temas não agradarem ao veículo cotidiano de imprensa, por razões editoriais, tais como o eventual pequeno interesse de sua audiência por um tratamento em profundidade de certos temas, ou a carência de um nível de especialização, por parte do veículo, que não justifique a abordagem verticalizada (LIMA, 1993, p. 33)

A falta de espaço do tema nos veículos tradicionais foi o que originou a elaboração dessa obra. A falta de cobertura da mídia brasileira a esses esportes não vai além de um ou dois programas especializados em esporte radical, nas emissoras por assinatura. Durante cinco edições a Rede Globo deteve os direitos de transmissão, mas sequer transmitiu alguma modalidade ou pensou em vender esses direitos. Cobertura propriamente dita a delegação brasileira teve apenas a partir dos Jogos de Salt Lake City, em 2002. Mesmo assim, apenas em Jogos Olímpicos. Num país que ganhou o direito de sediar os Jogos Olímpicos de Verão, em 2016, faz-se necessário que o público conheça toda a cultura esportiva e olímpica adquirida

nas mais diversas modalidades.

A reportagem em forma de livro permite que esses temas sejam elaborados e construídos de acordo com seu autor, já que os assuntos necessitam de espaço maior para receber o aprofundamento desejado e necessário para se entender num determinado contexto. No caso da participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno, apenas o formato do livro permitiria que este tema fosse abordado e, ainda, aprofundado de acordo com seus próprios representantes, os atletas. São eles, afinal, que fazem a história de representar o país em modalidades esportivas desconhecidas para a maioria dos brasileiros.

É fácil compreender que o livro-reportagem agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. (LIMA, 1993, p. 33)

O próprio conceito de livro-reportagem volta a esbarrar na questão inicial, sobre as fronteiras entre jornalismo e literatura. Ainda segundo LIMA (1993), “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódica”. Três categorias permitem diferenciar um livro-reportagem de outras publicações. O primeiro aspecto corresponde ao conteúdo da publicação. O livro-reportagem precisa tratar de um fato verídico e real. A obra precisa se basear na veracidade das informações de um fato já estabelecido na sociedade. O segundo aspecto corresponde ao tratamento dado pelo autor. O livro precisa ter uma linguagem simples, fácil e precisa, característica da linguagem jornalística. Além disso, a obra precisa ser editada e montada de acordo com os padrões do jornalismo, deixando o texto mais simples e fácil de ler. Por fim, o livro-reportagem pode servir a várias finalidades do jornalismo. Ele pode simplesmente informar e explicar, como também pode aprofundar vários pontos de vista no mesmo tema e praticar um jornalismo mais interpretativo (LIMA, 1993).

A função do livro-reportagem, nada mais é, do que permitir um aprofundamento de determinados temas que escapam da cobertura diária dos grandes veículos. A função do livro-reportagem é meramente jornalístico. Ele é feito para atender as demandas que alguns repórteres tem durante a elaboração de suas reportagens.

Em lugar do relato simples, raso, o livro-reportagem atinge uma dimensão contextual, aprofundada; amplia os fatos e expõe ao

receptor uma compreensão de maior alcance; possibilita um mergulho profundo nos fatos e em seu contexto; permite uma dose ponderável de liberdade para escapar às limitações (tempo, espaço, fórmulas de redação, ideologias, interesses comerciais, restrições logísticas, etc.) do jornalismo periódico. (...) O livro-reportagem é um trabalho autoral, em que o criador procura manter seu leitor provido de meios para compreender o seu tempo, as causas e as origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro, as cadeias de sentidos subjacentes ao tema. Além de preencher os vazios informativos da cobertura diária e semanal, o livro-reportagem pode elucidar aspectos antes obscuros. Os dados são recolhidos para uma seleção crítica e transformados em texto. Há um evidente esforço de determinar o sentido do fato ou acontecimento por meio da rede de forças que atuam nele. (VILAS BOAS, 2002, p. 78)

Entretanto, o surgimento da reportagem, ou grande reportagem, no formato de livro, apenas suscitou mais discussões sobre as fronteiras entre jornalismo e literatura. “A saída para a renovação estilística do jornalismo, para sua renovação enquanto força capaz de comunicar e permanecer, pelo menos no caso da grande reportagem, transita pela aproximação às formas narrativas das artes” (LIMA, 1993, p. 106). É na narrativa jornalística que ocorre essa aproximação e a utilização das técnicas literárias, permitindo uma relação entre as duas áreas. Já vimos que esse fato era mais presente no século 19, com o jornalismo e o realismo social dos escritores. A técnica é a mesma, mas enquanto os escritores a usam para construir a realidade ficcional, os jornalistas precisam utilizá-las para contar as histórias dita reais.

Entretanto, a partir do século 20, a relação entre jornalismo e literatura deixou de ser amigável para tornar-se conflitante. Foi a partir do momento da modernização da sociedade que a prática jornalística rompeu com a prática literária. Temas secundários surgiam à imprensa, como esporte e polícia. Já a literatura passou a se dedicar à sua escrita e linguagem (LIMA, 1993).

Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e frutiva, deve encaminhar-se para o *essencial humano*, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro, *circunstancial* (e sabemos que até que ponto a vertigem informativa devora a estabilidade e permanência dos acontecimentos). Simplificando muito, parece que a literatura se orienta para o *importante* e a informação jornalística para o *urgente*. (MEDEL, 2002, p. 18)

Ocorre que, quando a reportagem jornalística assume a forma de livro para aprofundar um determinado tema, ela precisa utilizar as técnicas de narração da literatura para estruturar seu texto, deixando-o mais claro, leve e conciso para os leitores. “O jornalismo absorve assim elementos do fazer literário mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes um

aproveitamento direcionado a outro fim” (LIMA, 1993, p. 138).

Tom Wolfe observou algo semelhante nos Estados Unidos da década de 1960. Com toda a efervescência cultural, os escritores e romancistas se preocupavam mais com questões estéticas do que com a realidade vivida naquela época.

Os literatos ignoravam esse lado do Novo Jornalismo, porque faz parte das suposições da crítica moderna que esse material cru simplesmente está “lá”. É “dado”. A ideia é a seguinte: dado um determinado corpo de material, o que o artista faz com ele? A parte crucial que a reportagem desempenha em toda narrativa, seja em romances, filmes ou não-ficção, é algo não tanto ignorado, mas simplesmente não compreendido. A noção moderna de arte é essencialmente religiosa ou mágica, e segundo ela o artista é visto como uma fera sagrada que, de alguma forma, grande ou pequena, recebe relances de divindade conhecida como criatividade. O material é meramente seu barro, sua paleta... Mesmo a relação óbvia entre a reportagem e o grande romance – basta pensar em Balzac, Dickens, Gogol, Tolstói, Dostoiévski e, de fato, Joyce – é uma coisa que os historiadores da literatura abordam apenas no sentido biográfico. Foi preciso o Novo Jornalismo pra trazer para primeiro plano essa estranha questão da reportagem. (WOLFE, 2005, p. 27)

Ainda segundo Tom Wolfe, foi nessa questão que aconteceu a tomada de poder dos jornalistas no mundo das letras. Os jornalistas passaram a utilizar as técnicas literárias do realismo para contar as histórias do mundo real, que os literatos ignoravam naquele instante.

No começo dos anos 60, uma curiosa ideia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance. *Como* um romance, se é que me entendem. (...) Nem mesmo os jornalistas pioneiros nessa direção duvidavam sequer por um momento que o romancista era o artista literário dominante, agora e sempre. (...) Eram sonhadores, claro, mas uma coisa eles nunca sonharam. Nunca sonharam com a ironia que vinha vindo. Nunca desconfiaram nem por um minuto que o trabalho que fariam ao longo dos dez anos seguintes, como jornalistas, roubaria do romance o lugar de principal acontecimento da literatura (idem, ibidem).

Para Tom Wolfe, o “Novo Jornalismo” praticado nos Estados Unidos, durante a década de 1960, se transformou em literatura, uma espécie de literatura de não-ficção, que competiu com o romance moderno, que não aceitava que relatos jornalísticos pudesse ser encarado como literatura. O golpe da vitória, segundo Wolfe, foi a publicação de *A Sangue Frio*, de Truman Capote, em 1966.

Afinal, ali estava não um jornalista obscuro, nem algum escritor freelance, mas um romancista de longa data... cuja carreira estava

meio parada... e, de repente, de um só golpe, com aquela virada para a maldita forma nova de jornalismo, não só ressuscitava sua reputação, mas a elevava mais alto que nunca antes. (idem, *ibidem*).

Entretanto, apenas o livro-reportagem não pode ser compreendido como literatura. O próprio teórico Edvaldo Pereira Lima acredita que o livro-reportagem pode ter várias classificações, mas é pouco para ser enquadrado como literatura ou algo perto disso. O livro-reportagem pode abrigar várias obras, distintas entre si, e que pouco amplia as relações entre jornalismo e literatura. Na verdade, alguns livros-reportagens são apenas reproduções de matérias previamente veiculadas num periódico, como uma coletânea de reportagens, por assim dizer.

O livro-reportagem da linha conto possui seu mérito, cumpre um importante papel. Mas é menos ambicioso. É geralmente o livro-instantâneo, o livro da história imediata. É a obra que faz um corte bem delimitado no tempo e no espaço, mas pouco contribui para a ampliação dessas dimensões rumo a uma compreensão contextual do objeto que aborda, para situá-lo mais precisamente no teatro da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 185)

Esta obra também não tem o intuito de se considerar literatura. Ela apenas dialoga com as técnicas literárias para elaborar os perfis dos atletas retratados em suas modalidades. A estruturação não visa criar um romance da participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno. A ideia é mostrar e relatar, através dos perfis, a situação de cada modalidade. Na classificação elaborada por LIMA (1993), que leva em conta o objetivo específico que o livro desempenha na sua narrativa e de acordo com a natureza de que a obra trata, este é um livro-reportagem perfil, “pois trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse”.

A aproximação do jornalismo com a literatura acontece, deste modo, com o romance. Um livro-reportagem mais complexo, elaborado e aprofundado da pauta até a edição do texto e que trata de questões intrínsecas à realidade humana se assemelharia em questões estéticas e estilísticas aos melhores romances da literatura moderna. Os vários pontos semelhantes permitem a dúvida sobre a classificação e divisão das duas áreas.

Ambos visam ao conhecimento da realidade humana, são antropocêntricos. Ambos devem construir uma fórmula estética que torne ao leitor aprazível a leitura. Ambos podem romper estruturas estabelecidas ou conformar-se com elas para cumprir, com o máximo de eficiência, a transmissão de uma mensagem dotada de fluidez. Em certos casos específicos, ambos combinam a sólida documentação factual para garantir a veracidade do real que representam com a

estilística, para atingir grandes massas de consumidores de informações, realizando um importante papel de divulgação cultural que – para certas camadas da população – é educativo. E ambos tanto relatam uma trama – fictícia no primeiro caso, real no segundo – quanto simultaneamente realizam, através desse enredo, uma reflexão direta ou sugerida de um tema representativo de valores duradouros. (LIMA, 1993, p. 197)

Mais do que simplesmente tomar o lugar da literatura, o jornalismo literário, exemplificado na forma de livro-reportagem, quer aproveitar as técnicas literárias para renovar a narrativa jornalística, aprofundando em temas mais elaborados do que a cobertura diária dos grandes veículos e ainda por cima oferecer outras visões da realidade. O livro-reportagem, ou sua forma mais complexa, o romance-reportagem, deveria estar alheio a essas divisões entre as duas áreas. Como bem define Rildo Cosson (2002).

Devemos antes de mais nada considerar o romance-reportagem como um gênero autônomo. Assim, habitante do limiar que une e separa o jornalismo da literatura, o romance-reportagem pode e deve ser lido através de sua própria constituição e não dos gêneros que unifica e transforma como indica a denominação. Na efetivação dessa leitura, é preciso compreender que a verdade factual não é um simples empréstimo da reportagem, mas sim a marca de sua dimensão semântica. Nem os padrões narrativos culturalmente determinados e usualmente reconstruídos por meio de processos narrativos realistas são apropriações do romance, mas sim a marca de sua dimensão sintática. Muito menos a denúncia social pode ser atribuída apenas a uma questão conjuntural, mas sim à marca da sua dimensão pragmática. É a singularidade atingida pelo uso particular dessas marcas nas três básicas dimensões da linguagem que lhe garantem a condição de gênero independente seja do romance, seja da reportagem que lhe deram origem. (In: *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*, p. 67)

4. Jogos Olímpicos

Considerado o evento poliesportivo mais importante do planeta, os Jogos Olímpicos rivalizam em tamanho e importância apenas com a Copa do Mundo de Futebol. Suas edições são realizadas de quatro em quatro anos, sempre intercalando com o mundial de futebol, também realizado de quatro em quatro anos. A versão moderna dos Jogos baseia-se na disputa olímpica da Grécia Antiga, com um profundo simbolismo religioso.

É preciso considerar que a cultura ocidental permanece como herdeira da Grécia clássica pelas diversas contribuições para o desenvolvimento da humanidade, como a arte, a filosofia e o esporte. A arte e a filosofia seguiram sem interrupção o legado grego, mas o esporte sofreu um hiato de 15 séculos a partir da proibição dos Jogos Olímpicos por Teodósio I (393 d. C.) até a restauração dos jogos pelo Barão de Coubertin (1896). (...) Podemos dizer que o espírito competitivo dos jogos gregos era uma contrapartida da arte da guerra e tinha uma grande profundidade espiritual e religiosa, enquanto que hoje tem um caráter “producionista” e uma forte matiz política. A consciência do valor do homem era o pressuposto principal que Coubertin tentou resgatar dos jogos da antiga Grécia. (TODT, p. 217-218)

Os Jogos Olímpicos de Inverno surgiram em 1924, na cidade francesa de Chamonix. A prática dos esportes de inverno sempre suscitou dúvidas quanto a inclusão deles nos Jogos Olímpicos. Em 1908, na edição de Londres, a patinação artística do gelo foi incluída na disputa, devido à popularidade de certos esportes, sobretudo no continente europeu, local da maioria dos eventos. Em 1912 o Comitê Olímpico Internacional decidiu realizar uma semana de competições nos esportes de inverno, que deveria ocorrer em 1916, mas com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o evento foi cancelado.

Em 1920, o COI retomou os Jogos Olímpicos de Verão, na cidade belga de Antuérpia, e voltou a incluir a patinação artística no gelo e também a disputa do hóquei. No ano seguinte o Comitê Olímpico voltou a discutir a realização da semana esportiva dos esportes de inverno, e escolheu a cidade francesa de Chamonix, localizado na base do cume do Mont Blanc, para realizar a disputa em 1924. A competição não foi considerada oficial pelo COI, e foi promovida pelos mesmos organizadores dos Jogos Olímpicos de Verão, realizados em Paris, naquele mesmo ano. O evento foi um sucesso, atraindo mais de dez mil espectadores e contou com 258 atletas de 16 países. Diante dos números, o COI decidiu, em 1926, oficializar o evento e declarar Chamonix como a primeira edição dos Jogos Olímpicos de Inverno.

De 1924 até 2010, já foram disputadas 21 edições dos Jogos – a maioria delas no

continente europeu. Apenas oito edições foram realizadas fora da Europa: seis delas no continente norte-americano (quatro nos EUA e duas no Canadá), e mais duas na Ásia, ambas no Japão. As edições de 1940 e 1944 não foram realizadas por conta da Segunda Guerra Mundial. Até a edição francesa de Albertville, em 1992, os Jogos Olímpicos de Inverno aconteciam no mesmo ano dos Jogos Olímpicos de Verão. Para contrapor as datas, evitando assim interesses comerciais e esportivos, a edição seguinte, em Lillehammer, Noruega, foi disputada em 1994. A partir daí acontece o intervalo de dois anos entre as edições de Verão e de Inverno. O país mais tradicional e vencedor da história dos Jogos é a Noruega, que já conquistou 107 medalhas de ouro – 303 no total. O segundo na lista é os EUA, com 87 medalhas de ouro e 253 medalhas no total. O interessante é notar também que a Austrália, país com grande parte do território na zona tropical como o Brasil, figura no quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos de Inverno, com cinco medalhas de ouro e nove no total.

Do ponto de vista mitológico, os Jogos Olímpicos de Inverno também permitem a criação e reprodução de símbolos e ritos dos Jogos Olímpicos de Verão. Apesar de contar com outras modalidades, a edição de inverno também foca o esporte e a competição, como na edição disputada com o clima mais quente.

Na atualidade, apesar de os Jogos focalizarem primordialmente o esporte, o rito que os legitima se serve de muitos dos elementos simbólicos que os consagraram há quase 30 séculos, na medida em que o simbólico da Antiguidade, sobretudo o da Grécia, exerce um certo fascínio no homem moderno. A imagem mitificada do atleta que o apresenta como herói e semideus se mantém na modernidade. Observa-se uma espécie de veneração pela figura de esportistas pelo fato de eles se destacarem em suas respectivas modalidades, conquistarem o pódio e, conseqüentemente, se tornarem alvos de atenções. (...) O espectador identifica-se com o esportista heroicizado pela superação que a prática do esporte lhe permite. A identificação projetiva permite ao espectador viver, na imagem do esportista vencedor, a fantasia de realização do sonho da fama, glória e poder que é inerente ao próprio homem. (TAMBUCCI, 2008, p. 175 In: Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social)

Os Jogos Olímpicos de Inverno também criam seus heróis, ainda mais porque a maioria de suas modalidades são arriscadas, consideradas radicais. As Olimpíadas, tanto as de verão como as de inverno, descobriram no atleta a principal forma de divulgação e de manifestação do olimpismo. O atleta-herói, que arrisca a vida para competir em modalidades perigosas e ainda busca superar seus limites, tornou-se uma importante ferramenta de divulgação dos Jogos Olímpicos modernos.

O mesmo autor diz que como resultado da crescente cobertura da mídia no mundo esportivo, as crianças de hoje podem descobrir

diferentes modalidades esportivas e junto com elas novos atletas que praticam tais modalidades. Os quartos de muitas delas estarão decorados com fotografias e outros artefatos que associarão sua própria imagem àquele a quem ele deseja ser identificado. Além de admirar seus ídolos, essas crianças desejam demonstrar a mesma dedicação, o mesmo comportamento. (MACHADO RÚBIO, 2008, p. 167 In: Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social)

O próprio megaevento olímpico torna-se uma fonte de informação e divulgação do olimpismo. Quando uma edição dos Jogos Olímpicos é televisionada e recebe cobertura midiática, novas modalidades surgem aos olhos do público, com uma intensidade maior do que a destinada na cobertura rotineira dos grandes veículos.

enquanto “megaevento esportivo”, os Jogos Olímpicos possuem força simbólica no que tange a veiculação de valores, não restritamente valores Olímpicos promovidos pela Carta Olímpica, mas exercem uma ação sinérgica para a motivação e manutenção da prática esportiva com sustentação em valores, assim como a multiplicação de formas de práticas esportivas em diferentes níveis de atuação e valores associados a elas. (GOMES, TURINI, MIRAGAYA e DaCOSTA, 2007, p. 384)

A mídia transformou-se, no caso, no principal meio de divulgação dos Jogos Olímpicos e do olimpismo. Entretanto, no caso brasileiro referente à edição de inverno, a mídia não cria esses valores de heroísmo e de mitos em relação aos atletas brasileiros. As poucas matérias até então (exceção feita à cobertura da Rede Record neste ano, em Vancouver) relatavam apenas a participação, com os resultados modestos. “Deve-se ressaltar a superposição da imagem e do desempenho dos atletas à imagem do próprio país. Ao contrário de outros esportes, os esportes de inverno não oferecem uma imagem vencedora do país” (TAVARES, SOARES e BARTHOLO, 2007, p. 202).

Aqui no Brasil a mídia especializou-se na monocultura esportiva. Aos jornalistas esportivos cabia relatar e informar ao público consumidor de esporte sobre as mais variadas modalidades esportivas, incluindo aquelas mais desconhecidas. Entretanto, a maioria das reportagens é “evidentemente relacionada ao futebol, tendência que se acentuou nos últimos anos, provavelmente porque as empresas descobriram naquela modalidade esportiva uma melhor relação custo-benefício para a publicidade”. (BETTI, 2002).

Para a cobertura olímpica aqui no Brasil ainda pesa o fato de que os esportes mais desconhecidos exigirem um maior conhecimento e uma dedicação maior do repórter, já que o profissional que cobre esportes olímpicos geralmente cobre vários esportes, ao contrário de especialistas em futebol, acostumados com a supremacia da modalidade nas páginas dos jornais e nas gravações da televisão. (COELHO, 2003). Assim, o jornalismo esportivo no Brasil dedica-se quase que exclusivamente ao futebol. Apenas em ocasiões especiais a mídia

abre espaço para outros esportes, e mesmo assim de maneira rápida, sempre informando e atualizando, e nunca aprofundando ou discutindo o tema. Isso é a falação esportiva, alertado por BETTI (2002).

Esta obra, ao relatar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Inverno e ocupar este vazio deixado pela imprensa esportiva na cobertura destas modalidades, quer mostrar que o mito do atleta herói olímpico está presente também nos participantes brasileiros. A ideia foi mostrar que o olimpismo e a superação vão além dos resultados conquistados. Esses ideais estão, justamente, na jornada realizada por eles até disputarem as Olimpíadas.

5. Relato da Pesquisa

A ideia desta obra, de fato, surgiu em novembro de 2009. Procurava algum tema esportivo que pudesse ser trabalhado em forma de livro para este projeto de conclusão de curso. Precisava ser livro, algo documental, pois tenho mais facilidade com a narrativa literária do que com a cinematográfica, por exemplo. Já a preferência pelo esporte vinha do fato de ter participado, durante três anos da faculdade, dos encontros do GECEF (Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol), um grupo de pesquisa da FAAC-UNESP, cadastrado no CNPq. Muitos me aconselharam a fazer um trabalho sobre futebol, já que 2010 seria ano de Copa do Mundo, a primeira Copa disputada em continente africano. Pensei por um instante, mas recusei a sugestão. Futebol é a paixão nacional dos brasileiros e há centenas de trabalhos que abordariam esse tema. Mesmo neste ano há vários trabalhos de conclusão de curso abordaram, de diferentes formas, o mesmo esporte.

Queria fazer algo diferente. Produzir algo que ninguém tenha produzido. Surgiu na minha mente os Jogos Olímpicos de Inverno, disputado em fevereiro de 2010. Já havia feito outros trabalhos acadêmicos sobre o tema, principalmente sobre o impacto midiático no desenvolvimento das modalidades de inverno aqui no Brasil. Vários fatores ajudaram para que eu escolhesse fazer essa obra. Havia, por exemplo, o lado curioso e fascinante de ver os atletas brasileiros competindo e se classificando em esportes quase impraticáveis no país. Além disso, é algo que pouca gente comenta e não há outras obras semelhantes na mídia esportiva brasileira. Os Jogos Olímpicos de Inverno só são comentados durante a disputa, o que sempre critiquei, pois deixava-se de lado o relato humano das participações brasileiras em busca dos resultados e números oficiais.

Mas será que a participação brasileira nos Jogos de Inverno daria um livro-reportagem? Em Vancouver, na edição realizada no início deste ano, o país completou seis edições de disputa e 18 anos de experiência nessa competição. O número de atletas chegou a 26 com os classificados para Vancouver. Um número razoável, com um ou outro resultado mais significativo do ponto de vista da competição. Conversando com Everton Domingues, jornalista que esteve nas últimas cinco edições dos Jogos de Inverno, ele me afirmou que, levando em conta os resultados, não teria material suficiente para escrever uma obra. Insisti. Argumentei se não era possível abordar essas seis participações brasileiras do ponto de vista humano, dos próprios atletas. Afinal de contas, eu queria justamente fugir dos relatos frios dos números. Os resultados serviriam para mostrar o sucesso de uma jornada, onde o mais esperado era o fracasso dos atletas brasileiros. Contar a história através do relato de seus

personagens era algo que estava em minha mente desde a leitura de *Hiroshima*, de John Hersey, que explica o dia da bomba atômica na cidade na visão de cinco sobreviventes.

Everton, entretanto, voltou a me desanimar. Afirmou que eu enfrentaria muitas dificuldades. Muitos dos atletas estariam em competições e que um ano não seria tempo hábil para essa produção. Entretanto, percebendo minha vontade em escrever sobre esses atletas, afirmou para eu tentar e seguir em frente com o projeto até onde desse, pois assim todas as dificuldades seriam ultrapassadas. Ele, um profissional especializado em esportes olímpicos, gostou de saber que haveria jovens jornalistas dispostos a cobrir outros esportes além do futebol.

A primeira dificuldade apareceu logo após a definição do tema, ainda em novembro de 2009. Não chegava a ser um problema, mas foi um obstáculo grande a ser superado. Naquele período comecei o meu estágio no jornal Bom Dia, de Bauru. Se me permitiu uma experiência maior na área, em compensação chegou a roubar um tempo precioso que mais tarde fez falta na conclusão da obra. O estágio durou exatamente um ano, até novembro de 2010, coincidindo com a elaboração e produção do trabalho. Roubou tempo, mas permitiu uma velocidade maior na estruturação das ideias. Se a criação textual perdeu um pouco para se adequar aos prazos da redação, pelo menos passei a ter mais facilidade nas entrevistas, ao fazer a pergunta certa na hora certa.

Sabia de tudo isso quando entrei no estágio e aceitei o desafio de escrever um livro. Com a ideia na cabeça, apresentei o projeto ao professor Zeca Marques e pedi sua orientação. Apesar de sua pesquisa focar mais o futebol, o professor também aceitou esta ideia e embarcou no projeto. Em dezembro outro fato no estágio veio complementar a obra. Comecei a produzir minhas primeiras matérias no caderno de esporte do jornal. E a única rotina de jornalista esportivo é não ter rotina. Em determinados dias entrava de manhã e em outros no fim da tarde. Não havia planos de programar as pautas de acordo com o tempo necessário para o trabalho de conclusão de curso. Seria necessário se desdobrar mais para não extrapolar os prazos já estipulados do cronograma.

Para isso, dividi a elaboração do livro em três etapas distintas, que em determinados momentos seriam realizadas em conjunto. A primeira etapa era a parte da pesquisa sobre o tema. Logo depois viria a pesquisa de campo, com as entrevistas. Por fim, seria a produção textual e finalização da obra. Cada etapa teria prazos definidos e espaçados, para compensar a falta de tempo que eu teria em alguns dias da semana. A grosso modo seriam cerca de três meses para cada etapa. A pesquisa bibliográfica começaria com os Jogos de Inverno realizados em Vancouver, no mês de fevereiro, e iria até maio. Em seguida começaria as

entrevistas com os personagens, etapa que deveria ir até agosto ou setembro, quando começaria mais uma temporada esportiva. Depois eu me dedicaria até novembro à produção e finalização da obra.

A partir de fevereiro, com a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno, e também impulsionado pela cobertura pioneira da Rede Record na TV aberta brasileira, várias matérias foram veiculadas sobre a participação brasileira naquela edição dos Jogos. Realizei o trabalho de clipping e selecionei todas as matérias relacionadas aos brasileiros no Portal Terra, parceiro oficial de mídia do Comitê Olímpico Internacional nas Olimpíadas. Da mesma maneira consegui realizar o clipping nas edições de Salt Lake City, em 2002, através da cobertura especial do site Folha.com, e também em Turim, 2006, com o portal Universo On-line (UOL). Ainda no site do jornal Folha de S.Paulo consegui ter acesso às matérias referentes aos Jogos Olímpicos de Inverno de Nagano, em 1998. Faltou apenas matérias sobre as edições de 1992 e 1994, onde não consegui encontrar nenhum arquivo sobre estas edições. Aproveitando o acesso que tenho às matérias da Folha, consegui fazer um clipping de matérias sobre atletas que poderiam resultar em personagens fora do período olímpico. Montei um bom acervo de matérias sobre a participação brasileira recente nos Jogos de Inverno.

Procurei informações também em livros e revistas. Entretanto, excetuando-se uma ou outra matéria de revista especializada em esportes radicais, não encontrei mais nada. A produção em livros sobre os brasileiros nos Jogos de Inverno é praticamente nula. Acompanhei a série de reportagens da Record sobre os brasileiros de inverno, mas também a produção em vídeo, com os documentários, é inexistente. Curiosamente em 2009 também se iniciou a produção do documentário *Pé na Tábua* que visa mostrar o desenvolvimento do snowboard no país e cujo lançamento deve se dar no início de 2011. Diante da falta de outras fontes da informação, passei a pesquisar as páginas das redes sociais de alguns atletas, como forma de descobrir mais sobre a vida deles.

Já imaginava que a internet seria a principal fonte de pesquisa sobre o tema, mas percebi também que seria o principal meio para as entrevistas. Concluída a etapa da pesquisa bibliográfica, chegou o momento de realizar as entrevistas e notei que não haveria outros métodos de contatá-los se não fosse através da internet e de suas redes sociais. Elaborei uma lista de personagens (de todos os 26 atletas que já disputaram os Jogos de Inverno pelo país) e parti em busca dos contatos. Entrei também em conversa com atletas que participam de modalidades de inverno, mas que ainda não participaram de uma Olimpíada.

Com os atletas que possuem página no Facebook, principal rede social no mundo, eu conseguia o e-mail de outros personagens. Ao todo, 18 pessoas foram contatadas, todas

através de e-mail e rede social. Imaginava que apenas as primeiras conversas seriam pela internet, excetuando, é claro, os estrangeiros. Mas na verdade descobri que a maioria dos atletas-personagens mora fora do país. Mesmo os que moram aqui, tem pouco tempo para se dedicar a uma entrevista. Todos trabalham e levam rotinas diferentes, sem falar na distância entre Bauru, cidade onde moro, com São Paulo, capital, ou ainda com Porto Alegre, onde um dos atletas morava em 2010.

As entrevistas, na maioria das vezes, foram feitas pela internet. Isso alterou também a questão dos perfis, que precisavam abordar, mais do que nunca, a questão da trajetória e da jornada esportiva. Com alguns consegui conversar através do Skype e do MSN, programas que permitem a conversação instantânea e uma maior interação entre o entrevistador e o entrevistado. Com muito custo consegui agendar dois dias de entrevista em São Paulo. A primeira delas, em junho, agendei horário com Mirella Arnhold, do esqui alpino, e Stefano Arnhold, presidente da Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN). Encontrei-os na sede da confederação, que é a mesma da Tec Toy, empresa de eletrônicos presidida por Stefano. A segunda entrevista, em setembro, foi mais atribulada. Conversei novamente com Mirella Arnhold na sede da CBDN, mas depois fui me reunir com Edson Bindilatti e Fabiana Santos, ambos atletas do bobsled, numa academia em São Paulo. Foram os dois únicos dias em que consegui agendar entrevistas ao vivo.

O restante foi tudo por e-mail. Entrevistas através do correio eletrônico tem suas vantagens e desvantagens. A técnica fica mais prática e permite uma maior concisão na hora de formular as perguntas. Em contrapartida, fica-se a mercê da vontade dos atletas responderem no melhor tempo para eles. Com atletas que moram aqui no Brasil eu ainda conseguia ligar para conversar por telefone mesmo em alguns momentos, mas era praticamente impossível com os atletas que moram no exterior. Não teria recursos suficientes para isso e também não teria tempo disponível para ligar do skype (eu passo praticamente o dia inteiro na redação do jornal). A demora de algumas respostas provocou um certo atraso, que precisou ser compensado na produção textual.

Nesta etapa a maior dificuldade foi estruturar os perfis com uma linguagem mais solta do que o jornalismo convencional. Não foi fácil. Ainda recebendo respostas atrasadas, comecei a escrever os perfis e percebi que a linguagem jornalística com a qual estou acostumado devido à redação do jornal, impedia-me maiores saltos estilísticos. Não que eu pretendia escrever um romance reportagem. Parto do pressuposto de LIMA (1993) que considera que toda grande reportagem pode ganhar o formato de livro, inclusive classificando em livro-reportagem perfil as obras semelhantes a esta. Após correções e reescritas, práticas

que também devem ser comum ao bom jornalismo, chegou-se aos onze perfis relatados no livro.

Quanto à parte teórica, desenvolvida ao longo do segundo semestre de 2010, a maior dificuldade foi com relação aos poucos títulos disponíveis sobre livro-reportagem na biblioteca da Unesp em Bauru. A briga por exemplares entre os alunos apenas atrapalhou o desenvolvimento dos livros-reportagens produzidos como trabalhos de conclusão de curso. No fim, o mais importante, no caso da obra, foi descobrir que as histórias dos atletas brasileiros olímpicos de inverno resultam sim, num grande livro. Neste primeiro momento relatei apenas a jornada de nossos atletas nos Jogos Olímpicos de Inverno. Mas fica a certeza e o desejo de aprofundar este projeto num futuro próximo, elevando-o à condição de documento da história olímpica brasileira.

6 Especificações Técnicas

O livro conta com 111 páginas de texto e informação. Infelizmente não foi possível incluir figuras e fotos na elaboração do livro. Alguns atletas até mandaram fotos para possível publicação, mas algumas ou estavam com resolução baixa ou então com falhas que seriam corrigidas apenas com um tratamento de imagens mais adequado. Além disso, por falta de recursos, a impressão do livro será em preto e branco, o que atrapalharia também a visualização de qualquer imagem.

Formato: 14,0 x 21,0 cm

Página: 111

Papel (miolo): Offset 90g/m²

Diagramação: Gustavo Longo

Capa: Gustavo Longo

Impressão: Gráfica Unicom

Encadernação: Pirassununga Encadernação

Considerações Finais

O próprio atleta de inverno reconhece que não recebe todo o valor que merece por parte do jornalismo esportivo nacional. Por razões já explicadas por aqui, a mídia brasileira tem a tendência de esconder e/ou não relatar um noticiário mais adequado às modalidades de inverno. É nesse ponto principal que esta obra quis entrar e explorar. Ocupar o vazio deixado pela cobertura dos grandes veículos e mostrar que é possível um brasileiro disputar esportes de inverno e ainda por cima competir em Jogos Olímpicos.

A escolha da construção do texto através dos relatos dos próprios atletas vai por esse caminho. Já que do ponto de vista competitivo os resultados brasileiros ainda são aquém dos Jogos Olímpicos de Verão, pode-se explorar o relato humano de nossos atletas. Muitos deles são pessoas com empregos fixos, como outra qualquer e que, de repente, tornam-se atletas olímpico. Ao invés de números, a ideia é criar o retrato humano de todos os integrantes da delegação brasileira.

A melhor forma encontrada de se trabalhar isso foi no próprio livro, onde a liberdade temática me permite que estruture meus perfis de acordo com a necessidade. Entretanto, vale ressaltar que, mais uma vez, a obra não tem ambições literárias e muito menos artísticas. Através de uma reportagem mais elaborada, uma grande-reportagem, ela quer apenas relatar o modo de vida simples dos nossos atletas e suas jornadas para chegarem aos Jogos Olímpicos de Inverno. A forma de livro se faz necessária por não haver espaço suficiente na cobertura jornalística do esporte nos grandes veículos de comunicação.

Por fim, espera-se que assim como os atletas de inverno, que percorrem um longo caminho cheio de obstáculos para chegar aos Jogos, o leitor também consiga atingir seu objetivo e chegar ao final do livro. Com um pouco mais de conhecimento dos Jogos Olímpicos de Inverno e, sobretudo, reconhecendo a importância destes atletas ao esporte nacional.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, T.L., SOARES, A.J.G., TAVARES, O. **Frozen Bananas: Esporte, Mídia e Identidade Brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, vol. 29, setembro de 2007.

BETTI, M. **Esporte na Mídia ou Esporte da Mídia?** Artigo da revista Motrivivência, da Universidade Federal de Santa Catarina. Maio de 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/5929/5441> Acesso: setembro de 2010

BULHÕES, M. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

CASATTI, D. “Narrar para diversificar”, disponível em www.textovivo.com.br/denise.htm

CASTRO, G. e GALENO, A. **Jornalismo e literatura – a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COELHO, P.V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

Comitê Olímpico Internacional. História dos Jogos Olímpicos de Inverno. Disponível em: <http://www.olympic.org> Acesso: setembro e outubro de 2010.

DaCOSTA, L.; GOMES, M.; MIRAGAYA, A.; TURINI, M. **Legado de Valores dos Jogos Olímpicos: dos “mega” aos “micro” eventos**. In: Legados de Megaeventos Esportivos. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

FARO, J. S. **Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. São Paulo: Editora Ulbra / AGE Editora, 1999.

FERREIRA, C. **Literatura e jornalismo, – práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.

Folha de S.Paulo. Cobertura dos Jogos de Salt Lake City, em 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/olimpiadadeinverno/> Acesso: março/2010.

Folha de S.Paulo. Acervo de matérias do jornal Folha de S.Paulo a partir de 1994. Disponível em: <http://www.folha.com> Acesso: março e abril de 2010.

LAGE, N. **Linguagem Jornalística.** São Paulo, Editora Ática, 1999.

_____ **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MARCONDES FILHO, C. **Jornalismo "fin-de-siècle".** Scritta Editorial, 1993.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente.** São Paulo: Summus Editorial, 2003.

_____ **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo, Editora Ática, 2002.

MESQUITA, R., REPPOLD Fº, A., RUBIO, K., TODT, N. **Ética e Compromisso Social nos Estudos Olímpicos.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2007.

New Journalism: a reportagem como criação literária - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social – Rio de Janeiro, 2003. (Cadernos da comunicação, Série Estudos, v.7)

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line..** São Paulo: Editora Summus, 2003.

RUBIO, K. (org.) **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

Portal Universo On-line. Cobertura dos Jogos Olímpicos de Turim, em 2006. Disponível em: <http://www.uol.com.br/esportes/outros/turim2006> Acesso: março e abril de 2010.

Portal Terra. Cobertura dos Jogos Olímpicos de Vancouver, em 2010. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/vancouver2010/> Acesso: fevereiro, março e abril de 2010.

SODRÉ, M., FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus Editorial, 1986.

VILAS BOAS, S. **Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens.** São Paulo: Summus Editorial, 2002.

_____ **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus Editorial, 2003.

WOLFE, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.